

O TRATAMENTO DAS LEXIAS COMPOSTAS E COMPLEXAS

Evandro Silva Martins
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: *Inicialmente, este artigo consiste numa reflexão crítica sobre a diferença entre vocábulos compostos e grupos sintáticos. Em segundo lugar, o artigo propõe demonstrar que as lexias compostas não se diferenciam das lexias complexas propostas por Pottier*

Palavras-chave: *Lexicologia; Vocábulos Compostos; Grupos Sintáticos.*

Abstract: *At first, this article consists of a critical reflection on the difference between compound nouns and syntactic groups. On the other hand, the article proposes to demonstrate that compound lexias of Pottier are not different from the complex ones.*

Key words: *Lexicology; Compound Nouns; Syntactic Groups;*

O – Introdução

É sabido que a Lexicologia é a ciência que trata do léxico da língua. É consabido, também, que este, sempre em expansão, é composto de lexias simples, compostas e complexas. As primeiras, as simples, têm merecido acurados estudos por parte dos estudiosos do léxico enquanto que as duas últimas não têm sido estudadas, a não ser de maneira perfunctória. A lexia complexa, entendida como um conjunto lexicalizado de dois ou mais vocábulos, contíguos, indissociáveis e monossêmicos, na maioria das vezes, nem entrada têm em dicionários de língua.

Encontradição em línguas de especialidades, falta a ela, às vezes, transparência e uma fácil decodificação analítica linear. Assim, pretendemos abordar, de início, a noção de composicionalidade em Língua Portuguesa e a sua relação com os grupos sintáticos, divididos em fixos e eventuais e, posteriormente, o estudo das lexias compostas e as complexas, mostrando que, segundo o critério semântico, estas últimas não se diferenciam daquelas.

2. A composicionalidade em Português

Tanto a Lexicologia quanto a Morfologia não têm abordado, de forma sistemática, os compostos da Língua Portuguesa. Nos últimos anos, a preocupação da Morfologia, inclusive, tem sido, sobretudo, com os processos derivacionais, abordando, com intensidade, os morfemas derivacionais, denominados na gramática normativa de prefixos e sufixos. A gramática tradicional, entretanto, desde João de Barros até o presente, tem mencionado este processo de formação de palavras, embora, somente em Said Ali (1966) tenhamos encontrado uma das mais percucientes reflexões sobre a composicionalidade.

Manuel Said Ali, o melhor descritivista do Português que tivemos, na sua obra *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, em longo e substancioso capítulo denominado Composição, antecipando algumas conclusões de alguns teóricos da Gramática Gerativa Transformacional, mormente as de Lees (1966 e 1970), demonstra que o vocábulo

composto é o resultado de um enunciado que se cristalizou, após sofrer reduções e petrificações, o que os gerativistas chamam de apagamento. Expliquemos melhor.

Para compostos como saca-rolha, beija-flor e ganha-pão, diz Said Ali, teríamos enunciados como objeto que saca rolhas, ave que beija flor e ofício com que se ganha o pão. Ora, de início temos a construção sintática criada para designar o referente, ainda sem nome e, posteriormente, o enunciado, sofrendo apagamentos, dará origem à unidade cristalizada, aqui chamada de vocábulo composto.

Do ponto de vista formal, normalmente, ele se apresenta com dois vocábulos hifenizados. O próprio Aurélio (1986), como tivemos oportunidade de constatar, só considera vocábulo composto quando os componentes vêm separados por hífen, conquanto saibamos que esta marca não é condição *sine qua non* para a existência do composto.

A grande característica da composicionalidade foi percebida pelo linguista Bessa, em 1986, quando afirmou:

“Desse modo, não convém afastar a hipótese de que os sentidos de parte dos vocábulos compostos são prognosticáveis com base no sentido de seus constituintes. No caso de existirem vocábulos compostos de sentido composicional, temos de investigar se os sentidos dos constituintes imediatos desses vocábulos estão relacionados com os das correspondentes formas livres ou correspondentes formas existentes em outros contextos. E a hipótese pode estender-se também a vocábulos, cujos sentidos são imprognosticáveis com base nos sentidos dos seus constituintes imediatos (Bessa, 1986:31).

Como vemos o reconhecimento se dá pela prognosticabilidade de sentido, ou seja, o critério semântico. Os critérios fonológicos e morfossintáticos, abordados por Mattoso (1970) e Biderman (1978), não são extremamente decisórios ainda que nos auxiliem no reconhecimento do vocábulo fonológico e formal, base para a existência da unidade léxica do discurso.

Somos, então, compelidos a perceber que o vocábulo composto é uma unidade lexical semanticamente indecomponível e monolítica, não permitindo a troca de seus componentes e nem o acréscimo de vocábulos outros no seu interior.

3. O vocábulo composto e os grupos sintáticos

Reconhecendo a existência do vocábulo composto como uma unidade semanticamente indecomponível que não permite a inserção de outro vocábulo no seu interior, a língua registra, também, a existência de grupos sintáticos, assim chamados quando, entre si, os membros estão na mesma relação gramatical que as palavras de um enunciado sintático homônimo.

É o caso de dedo-duro/dedo duro, copo-de-leite/copo de leite.

Embora estes grupos sintáticos já tenham sido mencionados na Gramática Tradicional, Sandmann (1990) foi um dos primeiros estudiosos a se preocupar com a distinção entre aqueles e os compostos nominais hifenizados.

Inicialmente, o morfólogo paranaense diz que há dois tipos de grupos sintáticos: o fixo ou permanente e o eventual. Podemos exemplificar estes tipos nos enunciados (1) Hoje há muita preocupação com o meio ambiente e (2) Achei o cadáver com o pé frio. As seqüências lingüísticas pé frio e meio ambiente constituem, segundo Sandmann, grupos sintáticos. O primeiro é denominado eventual e o segundo, fixo ou permanente. Este se diferencia do primeiro porque o valor sintático se cristalizou num novo valor morfológico,

“uma seqüência de palavras passou a constituir uma seqüência fixa, rotulando permanentemente um recorte do nosso universo biofisiossocial” (Sandmann, 1999:4).

Em artigo publicado na revista *Letras & Letras*, em 1997, discordamos das colocações do professor paranaense, argumentando que não há como diferenciar os grupos fixos ou permanentes dos vocábulos compostos. O grupo sintático fixo meio ambiente não rotula um referente assim como o fazem os vocábulos compostos? Se não podemos inserir nenhum elemento mórfico em meio ambiente e nem, por exemplo, em cabeça-de-bagre, sob pena de perdermos a prognosticabilidade de sentido, o mesmo não ocorre com os chamados eventuais (Martins, 1997). Exemplifiquemos com o composto cabeça-de-bagre e o grupo sintático cabeça de bagre.

São distintos os enunciados (3) Ele comeu uma cabeça de bagre e (4) Ele é um cabeça-de-bagre. Em (3) temos a possibilidade de inserir vocábulo ou vocábulos no grupo sintático cabeça de bagre. Poderíamos ter cabeça podre de bagre, mas em (4), além do sentido prognosticável, aqui um jogador de futebol medíocre, semanticamente ser-nos-á impossível a inserção de vocábulos em cabeça-de-bagre. Para o Português seria inaceitável dizer * ele é um cabeça-podre-de-bagre.

Ressaltemos, ainda, que o problema não está no uso do hífen, embora possa ser de utilidade na língua escrita. O importante é o critério semântico-pragmático. O contexto nos ajudará a identificar a existência de um vocábulo composto ou de um grupo sintático.

4. Os vocábulos compostos e as unidades complexas

O léxico, assim como o universo em que vivemos, está sempre em expansão. Às vezes temos a impressão de que o componente lexical está fixo, mas basta atentarmos para a língua em uso para percebermos que esta fixidez é aparente.

Radiografando, por meio do léxico, os acontecimentos dos últimos anos, ficamos perplexos diante de tantas unidades lexicais novas para os objetos com os quais convivemos nestas últimas décadas.

No repertório lexical de uma língua, o mais comum é a existência de um plano de expressão dando suporte material para um conteúdo, nascendo desta relação o signo. Este nome, rotulador de referente foi chamado por Bernard Pottier de *lexia*. O lingüista francês criou este termo para indicar a unidade lexical memorizada (Pottier, 1972:16). Na obra *Grammaire de l’Espagnol*, adaptada, posteriormente, para o Português com o nome de *Estruturas Lingüísticas do Português*, Pottier distingue as *lexias* da seguinte forma:

Lexia simples: árvore, saiu, entre, agora;

Lexia composta: primeiro-ministro, guarda-florestal, olho-de-sogra;

Lexia complexa estável: estado de sítio, cesta básica, uma estação espacial, Cidade Universitária;

Lexia textual: “quem tudo quer, tudo perde”

Ele foi muito feliz em cunhar este termo lingüístico, pois há muita confusão quando se usa vocábulo ou palavra. São vagos e imprecisos estes termos, de longa tradição na lexicografia tão pobre de ciência, conquanto, hoje, bem produtiva, em Língua Portuguesa. Embora estes termos, normalmente, identifiquem o plano das realizações discursivas, é de bom alvitre, em ciência, a precisão terminológica. Assim, *lexia* seria um bom termo para a manifestação do *lexema* já aceito como a unidade abstrata do léxico. A *lexia*, lexicalmente, seria, então, a manifestação discursiva do *lexema*.

Subdividindo as lexias em simples e compostas, Pottier parece ter resolvido um problema terminológico em Lingüística. Entretanto, a dificuldade fica por conta das lexias compostas e das complexas

Segundo se observa as primeiras se apresentam formadas por mais de uma unidade e ligadas por hífen. Para Biderman (1999) e, consoante já o dissemos, para o dicionarista Aurélio, a lexia composta será, então, aquela sempre ligada por hífen. A conhecida lexicógrafa exemplifica com guarda-roupa e mãe-de-santo as lexias compostas e com cesta básica e dona de casa as lexias complexas. Por estes exemplos, discordamos da proposta da conhecida lexicógrafa. Pesquisando os compostos no dicionarista Aurélio, vemos que na versão de 1986, dona de casa se apresentava sem hífen e como subverbe de dona e, na edição de 2000, o mesmo composto, agora, apresenta-se hifenizado. Mattoso, sabiamente, já havia notado que o hífen é incoerente do ponto da língua oral e, muitas vezes, as convenções da língua escrita a respeito desta marca formal não são firme em face da realidade lingüística que dimana da língua oral (Mattoso, 1970:61).

Voltemos para as lexias complexas. Recusando o hífen como assinalador da forma composta, não vemos diferença entre escrever cesta básica ou cesta-básica. Se o problema não está no uso do hífen, então, como diferenciar a lexia composta da complexa? O usuário da língua teria dificuldade de identificar o sentido de cesta básica, caso esta viesse hifenizada ou não?

Se olharmos para os vocábulos cesta básica e guarda-roupa, ambos se apresentam de forma binária. Quanto ao critério semântico, ambos os vocábulos são monossêmicos, indissociáveis, não permitindo uma quebra estrutural. Não vemos, então, razão para se ter uma classificação diferente para os vocábulos mencionados.

Para reforçar nossa argumentação, acrescentemos mais alguns exemplos: ácido desoxirribonucléico, antena de frequência ultra-elevada, mico-leão-dourado, lêmur-de-cauda-listrada, tirar o corpo fora, ficar de mãos e pés amarrados, contribuição provisória sobre movimentação financeira, programa de alimentação do trabalhador. Estaríamos diante de lexias complexas? Seriam complexas por terem mais de dois componentes?

Mas o que significa o adjetivo complexo?

Socorramo-nos em Aurélio e em Houaiss. O primeiro dicionarista define o adjetivo complexo como (1) *Que abrange ou encerra muitos elementos ou partes* e (2) *Grupo ou conjunto de coisas, fatos ou circunstâncias que têm qualquer ligação ou nexos entre si*. O segundo lexicógrafo, mais sucinto diz que complexo é o *conjunto, tomado como um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes difícil pelo intelecto e que geralmente, apresentam diversos aspectos*. A idéia que nos fica é a de um conjunto interdependente. Até aí tudo bem, mas é necessário salientar, ainda e sempre, o critério semântico. A lexia complexa é um conjunto indecomponível, prognosticável e monossêmico. Ora, esta idéia também contempla as lexias compostas. Assim, não seria mais econômico tratar os complexos de compostos? Em que os dois se diferenciariam? Assim, diante do exposto, cremos que seria, além de mais econômico, mais racional colocar as lexias complexas e as compostas numa só classificação. Agora, é claro, ficamos diante de uma questão terminológica. Qual seria o nome que poderia contemplar estas realidades? Biderman (1999), embora esteja tratando apenas das complexas, cria um termo interessante. Embora não seja muito eufônico, fraseolexema seria o termo criado para contemplar as duas unidades lexicais. Como, entretanto, não está nas nossas perquirições este problema terminológico, não vamos nos preocupar com o nome destas expressões cristalizadas. O

que nos importa, verdadeiramente, é a não diferenciação entre as lexias compostas e complexas.

Uma dificuldade que notamos, por último, seria a forma de inserção das complexas nos dicionários de língua, mas este tema não se encontra nas nossas cogitações na brevidade deste artigo.

5. Conclusão

Muitos estudiosos se distanciam dos estudos lexicológicos afirmando que o léxico sempre dá a impressão de descontinuidade, de inorganicidade e de mobilidade permanente., mas, para nós, isto é que torna a pesquisa mais instigante.

Por outro lado, nossa pretensão foi trazer um parcelar contribuição para o estudo de uma área pouco prestigiada dos estudos morfológicos e lexicológicos, o das lexias compostas e das complexas. Não acreditamos ter resolvido a questão, mas em nós, de há muito, está presente a necessidade de que mais do que se obter respostas o essencial é fazer perguntas.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria (1998). *Glossário de termos neológicos da economia*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- BESSA, José Rogério Fontenele (1986). *A composição nominal e adjetiva: problemas e métodos – uma introdução ao estudo dos nomes e adjetivos compostos do português escrito literário atual do Brasil*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1978). *Teoria lingüística – lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos..
- (1999) Conceito lingüístico de palavra. In: *Revista Palavra*. Petrópolis: Vozes.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso (1970). *Estrutura da língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. (1986). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico houaiss de língua portuguesa. 2001*. Rio de Janeiro: Fundação Antonio Houaiss/Editora Objetiva.
- LEES, Robert B. (1966) *The grammar of English nominalizations*. Print. Bloomington. Indiana University: The Hague Mouton.
- (1970) Problems in the grammatical analysis of English Nominal compounds. In: *Progress in Linguistics*. The Hague Mouton.
- MARTINS, Evandro Silva (1997). Composição, grupos sintáticos e hífen. In: *Letras & Letras*. Uberlândia: Edufu.
- POTTIER, Bernard (1972). *Grammaire de l'espagnol*. Paris: Presses Universitaires de France,
- SAID ALI, Manuel (1966). *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- SANDMAN, Antonio José (1990). O que é composto. In: *D.E.L.T.A.* Vol. 6. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

